



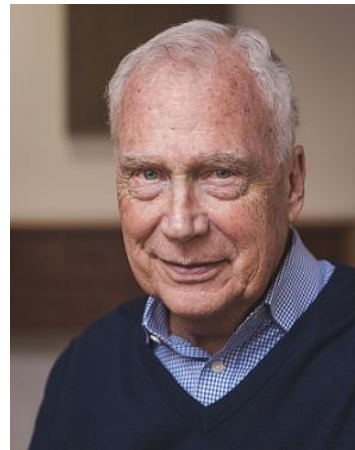
RDL

REDE BRASILEIRA  
DIREITO E LITERATURA

## ENTREVISTA COM PETER BROOKS

### O DIREITO FUNCIONA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

POR DIETER AXT<sup>1</sup>



Nascido em 1938, Peter Brooks é *Sterling Professor Emeritus* em Literatura Comparada na Universidade de Yale. Após aposentar-se de Yale em 2009, ele deu aula na Universidade de Princeton, com o título de Acadêmico *Andrew W. Mellon* do departamento de Literatura Comparada e no Centro de Valores Humanos. Ele foi professor no Departamento de Inglês e na Faculdade de Direito na Universidade de Virginia (2003-2006), e Diretor do Programa de Direito e Humanidades. Brooks também foi professor visitante na Universidade de Harvard, na Universidade do Texas, Austin, na Universidade de Copenhague, na Universidade da Bologna e no Centro de Direito da Universidade de Georgetown, e Palestrante Visitante na Faculdade de Direito de Yale. Em 1994, foi professor visitante na Faculdade de Direito de Stanford. No ano acadêmico de 2001-2002, ele foi *Eastman Professor* na Universidade de Oxford, e Pesquisador na Balliol College.

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito Público na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Roteirista do Programa de TV Direito & Literatura (TV Justiça). Membro da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Assistente Editorial da Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura. Escritor e editor da Editora Le Chien. Porto Alegre, Brasil. CV Lattes:: <http://lattes.cnpq.br/1582390811392545>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0976-7326>. E-mail: [dieter@rdl.org.br](mailto:dieter@rdl.org.br).

Bacharel pela Universidade de Harvard em 1959, ele fez seu doutoramento em 1965, na mesma Universidade. Ele também estudou na Universidade College of London, como acadêmico *Marshal*, e na Universidade de Paris. Brooks é o Diretor Fundador do Centro de Humanidades Whitney em Yale (1981-91), onde ele foi Diretor novamente entre 1996-2001. Sua principal área de pesquisa debruça-se sobre a literatura francesa e a inglesa, o direito e a psicanálise.

Incluindo incontáveis publicações dentre livros, artigos, capítulos, resenhas críticas, destacam-se as obras *Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative* (1984), *The Melodramatic Imagination: Balzac, Henry James, Melodrama, and the Mode of Excess* (1976), *Body Work: Objects of Desire in Modern Narrative* (1993), *Psychoanalysis and Storytelling* (1994), *Troubling Confessions: Speaking Guilt in Law and Literature* (2000), *Realist Vision* (2005), *Henry James Goes to Paris* (2007), *Flaubert in the Ruins of Paris: The Story of a Friendship, a Novel, and a Terrible Year* (2017) e, seu mais novo livro, *Balzac's Lives* (2020), concluído durante o período desta entrevista. Em 2014, editou, em coautoria com Hilary Jewett, *The Humanities and Public Life*<sup>2</sup>.

Brooks foi condecorado *Officier des Palmes Académiques* em 1986. Em 1997, ele recebeu o título de doutor honorário na École Normale Supérieure, Paris, e, em 2001, o de mestre em Oxford. Em 2008, ele recebeu o Prêmio de Realização Distinta da Fundação Andrew W. Mellon, e, em 2012, o Prêmio William C. DeVane de Ensino e Produção Acadêmica.

Na presente entrevista, Brooks comenta desafios e proveitos que envolvem a relação entre o Direito e a Literatura, aspectos de sua biografia e produção acadêmica, e nos faz refletir sobre a importância das Humanidades na esfera pública, ao nos conduzir em uma viagem rumo ao romance francês e inglês do século XIX.

---

<sup>2</sup> Os títulos das obras são, em tradução livre, *Lendo pelo enredo: desígnio e intenção na narrativa*; *A imaginação melodramática: Balzac, Henry James, melodrama e a moda do excesso*; *Obra do corpo: objetos de desejo na narrativa moderna*; *Psicanálise e narração*; *Confissões perturbadoras: expressando culpa no Direito e Literatura*; *Visão realista*; *Henry James vai a Paris*; *Flaubert nas ruínas de Paris*: a história de uma amizade, um romance e um ano terrível; *As vidas de Balzac*; e *As humanidades e a vida pública* (N. do T.).

Dieter Axt – *Seu ensino e sua produção acadêmica foram principalmente direcionados aos romances francês e inglês e à teoria da narrativa. O que o direcionou ao estudo da Literatura? Por que o interesse pela França e pelo século XIX?*

Eu sou leitor desde muito cedo, especialmente durante uma adolescência solitária. Esse interesse foi reforçado por uma francofilia adolescente, o que era muito comum na minha geração: nós víamos a literatura francesa como o lugar ideal das ideias e desconstruções. E então o romance francês do século XIX mostrou-se como o lugar em que tudo isso estava em jogo.

Dieter Axt – *Como se sabe, o senhor sucedeu Paul de Man como Sterling Professor em Yale, após ter sido aluno dele. Qual a sua avaliação do legado de Paul de Man? O senhor leu The Double Life of Paul de Man, biografia publicada em 2014 por Evelyn Barish?*

Eu fiz uma resenha da biografia de Barish no *New York Review of Books* (3 de abril, 2014); peço para que você leia essa crítica. O livro de Barish é muito tolo e baseia-se em polêmicas mal documentadas sobre uma pessoa (e um contexto histórico) sutil e crucial. O legado de Paul de Man continuará problemático – mas não deveria ser negligenciado por isso.

Dieter Axt – *Que impacto o movimento Direito e Literatura teve na Universidade de Yale e no ambiente universitário americano, ao surgir na década de 70? Você e James Boyd White foram contemporâneos em Harvard?*

Eu passei a me interessar no direito na década de 1980, comecei a dar aula em colaboração com um amigo na Faculdade de Direito de Yale, então percebi que havia um “movimento” começando, que se manifestava de diversas formas. Na época, eu estava muito interessado em ler o direito com ferramentas da análise literária, tentando enxergar o lado impensado do direito: como ele falhava em analisar o seu próprio uso da retórica e da narrativa. Eu não conhecia James Boyd White em Harvard, fui ser apresentado a ele muito depois.

Dieter Axt – *É famosa a frase de Oscar Wilde: “o século XIX, como o conhecemos, é em grande parte uma invenção de Balzac”. O senhor concorda? Por que Madame Bovary, de Flaubert, é, na sua avaliação, o romance que, dentre todos os demais, merece o rótulo de realista? É possível imaginarmos Joyce sem Flaubert? Como o senhor articula a estética realista com os reality shows contemporâneos?*

São tantas perguntas em uma só! Eu acabei de terminar um livro chamado *Balzac’s Lives (As vidas de Balzac, em tradução livre)*, a ser publicado em setembro de 2020, em que eu cito essa reflexão de Oscar Wilde na primeira página. Sim, é profundamente verdade. Flaubert despojou Balzac de suas ambições metafísicas, então *Madame Bovary* permanece completamente ancorado no real. Não, Joyce seria impensável sem Flaubert (*Dublinenses* é um descendente direto da obra de Flaubert). Os *reality shows* de hoje em dia, pelo menos o que eu conheço deles, não são Flaubertianos, são cheios de convenções dramáticas e truques – talvez mais parecidos com o teatro Boulevard do século XIX do que com Flaubert.

Dieter Axt – *Alguém ainda tem medo de Virginia Woolf? Como Woolf revolucionou o realismo, iniciando uma nova era na literatura inglesa?*

É interessante como o Modernismo de Woolf era fiel aos problemas colocados pelo “realismo” anterior a ela – só que reformulados de um jeito que ela considerava mais fiel à representação do real. Assim como Proust, ela não quebra tanto com a tradição romancista, mas a engloba e dá um passo adiante.

Dieter Axt – *Em muitos sentidos, o retrato social que Émile Zola teceu na fenomenologia da paisagem urbana ainda reverbera na atualidade. Qual a sua percepção sobre os tipos sociais destacados por Zola, como a prostituta, ou os velhos, cujo destino cruel ganhava contornos desconcertantes em sua obra, sobretudo se comparados aos personagens de Victor Hugo? O drama do affaire Dreyfus tem paralelos com o cenário atual conflagrado por exacerbação ideológica, fake news e muitas suspeitas de ativismo judicial?*

O heroico Zola de *J'Accuse* – a contribuição dele para o affair Dreyfus – é apenas em partes correspondente aos seus retratos novelísticos, que tendem a uma certa moralidade burguesa mesmo que escancarando os efeitos devastadores da modernidade, das classes sociais, da sociedade imperial, etc. Eu continuo torcendo para que apareça uma escrita que tenha aquele efeito-bomba de *J'Accuse* na nossa atual conjuntura política. Mas os divulgadores midiáticos hoje são muitos, muito dispersos, e muitos deles são dominados pela falsidade.

Dieter Axt – *Conforme o senhor comentou em recente entrevista, no século XIX, os romances atingem grande popularidade, sobretudo pela maior acessibilidade e pelo aumento nos níveis de alfabetização. Todavia, nunca houve maior profusão de obras literárias como na atualidade, e o acesso a elas nunca foi tão facilitado. Por que, então, discute-se a existência de uma crise contemporânea das Humanidades? Qual a importância pública das Humanidades em uma época em que as pessoas parecem inclinadas a nadar apenas na superfície de si próprias? Que diferença de status o romance e a literatura exerciam sobre a sociedade no fim do século XIX em relação aos dias de hoje?*

Essa chamada “crise das humanidades” coexiste com a profusão de produção literária, e um consumo considerável de literatura apesar do desaparecimento de livrarias e crítica literária séria e o grande aumento de tempo dedicado às telas virtuais. A experiência da literatura no século XIX foi de certa forma substituída pela televisão seriada. É difícil de resolver isso tudo. Na academia, as humanidades têm sido destituídas de sua importância devido à ênfase dada ao conhecimento científico e tecnológico, e pelas ansiedades da economia. Ainda assim, elas ainda são muitas vezes a parte mais interessante e inovadora dos currículos, ensinadas pelos mais criativos e estudados acadêmicos. Precisamos continuar insistindo, para administradores universitários, para editoras, para o público em geral, que a literatura séria e sua leitura séria importam.

Dieter Axt – *A obra The Humanities and Public Life nos recorda o que Shelley costumava afirmar: poetas são os legisladores não reconhecidos da humanidade. Também Hölderlin dizia que “a linguagem é a casa do ser” e que “os pensadores e os poetas são os guardiões dessa morada”. Pois*

*bem, um dos maiores desafios no Direito é conter a subjetividade do intérprete na aplicação da norma. E, desde As Bruxas de Salém, também sabemos que provas de testemunho, de delação e de confissão podem ser igualmente problemáticas. De que forma a leitura interpretativa atenta da Literatura, da poesia e das Humanidades pode favorecer o maior rigor – e compromisso ético – do intérprete no Direito?*

Habilidades de leitura são completamente cruciais para as profissões – o direito em primeiro lugar, dentre elas – que interpretam o discurso e a ação humanos. Devemo-nos lembrar sempre que, como Robert Cover disse, a interpretação jurídica ocorre “em um campo de dor e morte”. Deve haver um comprometimento com rigorosos padrões de interpretação e suas consequências – o que eu tenho chamado de ética da leitura.

*Dieter Axt – Como o senhor vê o balanço geral da plea bargain nos EUA: houve abusos no uso do instituto negocial ou ele resolveu pragmaticamente os problemas do Direito? Se, de cada dez casos nos EUA, estima-se que nove sejam resolvidos por meio do plea bargain, por que a população carcerária é a maior do planeta? A Literatura teria entendido melhor a natureza problemática da confissão do que a lei? Como foi a sua experiência de ensinar direito criminal a detentos e como a literatura e o cinema ajudaram nesse processo?*

Perguntas bem grandes! As ações de *plea bargain* tornaram-se um escândalo e precisam ser muito melhor supervisionadas pelos juízes. Os EUA claramente prendem em excesso, por múltiplas razões que têm sido analisadas recentemente. A chamada guerra às drogas é muito responsável por isso, e o número de condenações por ofensas relativamente menores precisa de revisão. Mas além disso, nossa dependência do aprisionamento precisa passar por uma crítica rigorosa, e a vida nas prisões deve ser radicalmente mudada. Caso elas sejam necessárias de fato, as prisões devem ser lugares de aprendizado e empoderamento. Ensinar direito e literatura para alunos presos foi uma experiência que mudou minha vida.

Acredito que afiar habilidades críticas por meio do estudo de obras literárias (e alguns filmes) permitiu-nos analisar práticas jurídicas na sala de aula com um senso de crítica mais elevado. Raramente conheci alunos com tanta vontade de aprender.

Dieter Axt – *Sigmund Freud é um autor-chave nas suas reflexões e na sua produção bibliográfica... O que motivou essa aproximação com a psicanálise freudiana? De que forma o senhor suplementa a teoria da narrativa literária com a psicanálise?*

Só comecei a estudar Freud bem depois da minha educação formal – e quando comecei, ele pareceu dar sentido a muitas coisas para mim, e a começar a defender a necessidade de um sentido dinâmico da forma literária, assim como ele fazia constantemente com a psicodinâmica dos indivíduos e das sociedades.

Dieter Axt – *Qual o lugar que o senhor atribui nesta perspectiva a críticos de literatura influenciados por Jung, em especial, Erich Neumann e Northrop Frye, hoje bastante esquecidos, apesar do trabalho monumental e do enorme sucesso nos anos 1960? Como o senhor vê Hayden White, que se inspira nas noções de estruturas profundas de Lacan para fazer essa interconexão entre literatura, narrativa e psicanálise?*

A popularidade de Jung pode ter diminuído devido ao fato de ele ser muito próximo à literatura – ele não traz o rigor analítico da disciplina que acho revigorante em Freud. Lacan, é claro, pega emprestado muito da análise literária de maneira produtiva, já que ele relê Freud à luz da linguística estrutural. Ele explicita o que é implícito em Freud: que nós somos todos poetas e ficcionistas, e que a própria construção do “eu” é um processo poético e ficcional.

Dieter Axt – *Em Psychoanalysis and storytelling, o senhor sustenta as conexões vitais que se estabelecem entre a psicanálise e a literatura. As conexões entre literatura e psicanálise também podem se estender ao Direito? Existe Direito sem narrativa? Isto é, qual o componente ficcional e literário no Direito?*

Penso que são perguntas distintas. O direito duvida da psicanálise porque suspeita que os insights desta sobre as motivações e comportamentos humanos poderiam incapacitar o direito, que se debruce sobre uma noção de senso-comum a respeito da intenção e da vontade própria, etc. O direito não quer lidar com os conceitos psicanalíticos de

“caráter” humano. Contudo, ele precisa levar em conta essas concepções, principalmente ao julgar e punir.

Não, não existe direito sem narrativa – ele exerce seu poder por meio da retórica e da narrativa.

Dieter Axt – *O enredo é um universal humano inescapável, um modelo da estrutura da nossa mente? As histórias que contamos para os outros e para nós mesmos auxiliam na formação de nossa identidade? Isso também tem a ver com o “enredo da narrativa” construído pelo julgador no processo judicial?*

Sim, enfaticamente. Nós estruturamos nossas narrativas de vida e damos a elas enredos que consigam explicar o passado e projetar o futuro. Nossa identidade é em grande parte um construto narrativo. O direito faz seus próprios construtos narrativos, tentando evitar a construção do personagem e concentrar-se nos eventos: o que aconteceu, por quê, quem é responsável, e o quão responsável.

Dieter Axt – *A crítica cultural Camille Paglia, orientanda de Harold Bloom em Yale, tem sustentado que as Humanidades entraram em crise nos Estados Unidos com o advento do pós-estruturalismo francês e de excessos do politicamente correto no meio acadêmico. O senhor concordaria com essa perspectiva? Como o senhor percebe o debate que ainda hoje se trava em Yale em torno do caso Nicholas Christakis, considerado por muitos um duro golpe sobre o free speech? O que restaria às Humanidades diante da descrença no diálogo e na possibilidade de compreensão mútua?*

Podemos nós afirmar que a Direita entendeu as questões pós-estruturalistas sobre a “verdade” de uma forma simplista e declarou a irrelevância da verdade, a favor daquilo que Trump chama de “manipulação”? Acho que vamos precisar de muita reflexão histórica para decifrar a conexão, se é que há, entre as duas coisas. O debate sobre o “*free speech*” tem sido propositalmente mal interpretado pela Direita (e às vezes pela Esquerda também): não é apenas uma questão de fala, mas de acesso à fala. A quem tem sido entregue o palanque?

Essa fala é muito cara na televisão, por exemplo, e é gratuita, mas não necessariamente poderosa, nas redes sociais, onde as distinções entre



verdade e mentira não parecem importar. Que contextos de fala a universidade quer disponibilizar para quem? Eu concordo com a absoluta liberdade de expressão, mas penso que devemos ser racionais a respeito de como as universidades podem se deixar explorar em nome da liberdade de expressão.

Dieter Axt – *Qual o status das humanidades na contemporaneidade, em que crescem a lógica utilitarista, a ideologia de extrema-direita e a manipulação de mentes pelas novas ferramentas de redes sociais; em que livrarias estão fechando e em que jovens estão perdendo o hábito da leitura de livros, tornando-a cada vez mais fragmentada; e, em que estudantes preferem diplomas em outras disciplinas, que os tornem mais “empregáveis” e “competitivos no mercado de trabalho”? Qual o papel das bibliotecas no mundo digital?*

As humanidades claramente estão na defensiva – podemos até dizer: mal das pernas. Mas não acho que essa postura defensiva traga algum benefício. Pelo contrário, elas precisam constantemente expressar-se e mostrar-se como mais necessárias do que nunca na esfera pública. As humanidades nos ensinam a resistir às falsas ideologias que são constantemente vendidas para nós, impostas sobre nós, oferecidas como soluções políticas e morais para o nosso desespero contemporâneo.

Dieter Axt – Em *Body Work: Objects of Desire in Modern Narrative*, o senhor identifica que o desejo de conhecer o corpo do outro é uma poderosa dinâmica de contar histórias em todas as suas formas, destacando, sobretudo, a influência que este assunto desempenhou nas obras de autores como Rousseau, Balzac, Mary Shelley, Flaubert, Zola, Henry James e Marguerite Duras. Atualmente, a internet, as redes sociais destacam-se pela cultura à hiper-exposição da própria imagem, destituída de maior simbolização. De que forma isso tem afetado a nossa capacidade de contar as histórias de nosso próprio tempo? É possível identificar uma espécie de protagonismo do corpo feminino nas atenções e aspirações sociais? Como essa temática do corpo se reatualiza em artistas contemporâneos, como Robert Mapplethorpe?

É uma ótima pergunta que eu não sei responder, exceto dizer que, na arte contemporânea e na mídia, o corpo tornou-se, ao mesmo tempo, banalizado e, mais do que nunca, objeto de uma atenção fetichista. Como compreender isso? Consigo apenas entender que jamais escaparemos nossa corporeidade, e que sentimos isso cada vez mais conforme vamos envelhecendo.

*Dieter Axt – Para encerrar, que perspectivas futuras você poderia projetar para o movimento do Direito e Literatura e que obras literárias, em especial, você indicaria aos juristas?*

Os estudos em direito e literatura proliferaram, e inevitavelmente têm se tornado mais compartimentalizados e específicos. Meu conselho é que o movimento não perca vista do essencial: que o direito, (especialmente na tradição Anglo-Americana) funciona através da língua, é uma prática retórica, e precisa ser lembrado repetidamente da necessidade de dialogar com as humanidades. Não é uma questão de ler obras literárias específicas, mas de ter uma linha de ação. O direito e a retórica na Antiguidade estavam sempre juntos, eram gêmeos. A profissionalização do direito fez que ele perdesse vista de seu gêmeo, o qual precisa ser trazido de volta ao convívio familiar. O direito precisa assumir a responsabilidade de sua natureza retórica.

Translated by Felipe Zobarán